



O SILÊNCIO DE UMA DESPEDIDA

Que destino estranho tem sido o meu.

Sempre sozinho.

Sentado em meio a tantas mulheres.

Nunca no centro.

Apenas um hóspede.

A bem da verdade, esse papel nunca me incomodou.

Havia outra coisa que sempre capturava minha atenção.

Algo que as mulheres tomam sem pedir.

Não o dinheiro.

Essa sempre foi a parte menos interessante.

Elas tomam a atenção.

A curiosidade.

Os pensamentos.

Fragments de tempo.

Porções inteiras da sua energia cognitiva.

E na maioria das vezes o fazem sem sequer perceber.

A primeira regra sempre permaneceu a mesma.

Faça-as sorrir.

Mas sem bancar o bobo.

Porque há uma grande diferença entre humor e estupidez.

O primeiro abre uma conversa.

A segunda a encerra.

Do contrário, até o jantar mais elegante acaba virando pouco mais do que uma refeição de fast-food.

Foi então que comecei a explicar minha teoria antropológica pessoal do aço.

Eu esperava soar crível.

Não necessariamente ser acreditado.

Imaginei uma manhã distante.

Um homem havia deixado sua caverna para ir a um encontro romântico.

Mas sua companheira não tinha a menor intenção de deixá-lo ir.

Ela o seguiu pela floresta.

Queria saber aonde ele ia.

Com quem.

E por quê.

Naqueles tempos todos eram livres, e a promiscuidade ainda não tinha sido inventada pelos sociólogos.

A certa altura ele ficou furioso.

Pegou uma pedra e a atirou na direção da mulher para afastá-la.

A pedra bateu numa rocha.

Uma faísca.

Depois outra.

Depois fumaça.

O vento fez o resto.

E o fogo nasceu.

O encontro romântico terminou na hora.

O que havia acontecido era importante demais.

Ainda não estava descrito em nenhum manual.

Nem mesmo nos manuais da Amazon.

Precisava ser observado.

Compreendido.

Usado.

As mulheres à mesa escutavam em silêncio.

Ninguém comia.

O garçom teve de levar as sopas de volta à cozinha e reaquecê-las uma segunda vez.

Então aconteceu algo ainda mais curioso.

Vários casais sentados às mesas próximas aproximaram as cadeiras de nós.

Parecia um espetáculo de teatro.

E, no entanto, eu só queria fazê-las sorrir.

Foi o momento em que deixei de ser crível.

E passei a ser acreditado.

Eu contava uma história que ninguém jamais havia escrito.

Uma história possível dos nossos ancestrais.

Parei.

Olhei para Maggy.

— *Você quer que eu continue?*

Ela não hesitou nem por um segundo.

— *Sim, seu magnífico filho da puta.*

E todos caímos na gargalhada.

Então continuei.

Com o fogo, a mulher começou a compreender que aquela descoberta podia ser usada para a comida.

O calor mudava os sabores.

Transformava a própria natureza.

Sem perceber, a expectativa de vida humana, que mal chegava aos vinte anos, aos poucos avançou para os quarenta.

O fogo a tinha dobrado.

A contaminação bacteriana diminuiu.

As infecções recuaram.

O corpo humano ganhou tempo.

Então, numa tarde qualquer diante de uma caverna, essa mesma mulher pegou uma porção de pedras.

Examinou-as de perto.

Bateu-as umas contra as outras.

Estudou-as.

Sem altos-fornos.

Sem siderúrgicas.

Sem engenheiros.

Ela deu início à longa jornada que acabaria levando ao metal.

E, mais tarde, ao aço.

Por essa razão, se não fosse por uma mulher, eu não estaria aqui hoje.

Nunca teria conhecido você.

Nunca teria apreciado você.

Nunca teria conseguido embrulhar dentro de uma despedida aquilo em que me tornei.

A mesa permaneceu em silêncio.

Um silêncio diferente de todos os outros.

Não era o silêncio da expectativa.

Era o silêncio da despedida.

Olhei para Maggy.

Olhei para a filha dela.

Olhei para as netas dela.

E percebi que eu não estava me despedindo de uma família.

Estava me despedindo de uma história.

Família Wilkinson

Sejam bem-vindas.

Levantei-me e fui embora.

Porque eu nunca suportei as lágrimas de uma mulher.

Ferdinando Frega

Gillette Man nn